Paixão pela sociologia e a sociologia

Há dois tipos de sociólogos: os apaixonados pela sociologia e os profissionais da sociologia, do mesmo modo que Max Weber descobriu que a vocação dos cientistas é incompatível com a vocação dos políticos.

A ambiguidade da discussão sobre a crença, ou falta dela, de a sociologia ser uma ciência revela precisamente essa divisão entre os sociólogos. Os que querem continuar o percurso entre a filosofia social e a ciência e os que ou não acreditam que esse caminho exista ou os que entendem que a sociologia já é uma ciência. A maioria dos sociólogos está indiferente e alheada desta discussão: entende-a como uma bizantinice. Procura o lado prático da sociologia: o aspecto jurídico e profissional de valorização do certificado universitário em sociologia.

A paixão pela sociologia, ao menos a minha, é científica: gosto de pensar e discutir (quando é possível, o que é extremamente raro) o que é isso de sociedade, o objecto esquecido da nossa ciência.

Quando estudo prisões (ou o crime), ou outro assunto qualquer, não o faço fechando-me entre muros, na relação dos guardas com os presos, como se estes fossem criminosos. Quero saber de que modo a sociedade se expressa naquilo que observo.

Por exemplo, o que consegui passar a ver nas prisões (por extensão no crime) foi o mau trato de crianças socialmente organizado que estigmatiza sobretudo os rapazes como criminosos e as raparigas como prostitutas (pré-delinquentes é a expressão profissional usada).

Entre os profissionais da sociologia fora das universidades – polícias, assistentes sociais, animadores culturais, etc. – a paixão pela sociologia faz que compreendam a manipulação que supervisiona a sua relação com os estigmatizados alegada e falsamente a integrar. A falta de empatia – indispensável à prática da sociologia – faz dos profissionais cúmplices voluntariosos da produção de discriminações sociais, da reprodução dos estigmas sociais, da produção de armadilhas de pobreza. Em balanço, as limitações dos profissionais, impedidos de tomar decisões políticas, leva uns e outros, sociólogos e profissionais, a partilharem a mesma condição de executantes de políticas discriminatórias e estigmatizantes próprias de sociedades do inimigo, isto é, sociedades que precisam de inventar inimigos para animarem o espírito de competitividade que aceita o crescimento indefinido como a principal finalidade racional, de classe, suicidária.